

---

# Primeiros dados sobre a *villa* da Madanela (Coles de Samuel, Soure)

ADRIAAN DE MAN\*  
JOSÉ RUIVO\*\*

## R E S U M O

A abundância de vestígios de superfície romanos na Madanela justificou uma primeira tentativa de definir o sítio. Os dados continuam poucos após apenas uma campanha, mas a identificação de estruturas e materiais assegura um intervalo cronológico credível. Um dos achados mais interessantes consiste num conjunto monetário de meados do século IV.

## A B S T R A C T

The abundance of Roman surface remains at Madanela led to a first attempt to define the site. The data are still scarce after only one campaign, but the identification of structures and materials ensures a credible chronological range. One of the most interesting findings consists in a set of coins dating from the mid-fourth century.

Durante o Verão de 2009 foram iniciadas as primeiras sondagens na plataforma da Madanela, em Coles de Samuel, concelho de Soure, no âmbito de um projecto intermunicipal de valorização das *villae* romanas de Sicó<sup>1</sup>. O sítio tinha sido já bem localizado, na sequência de uma sucessão de achados isolados, em particular uma mancha de dispersão de material de construção, bem como outros elementos avulsos, como uma moeda de Gordiano II e um aplique de asa de sítula (Pinto, 2002, p. 330). As mais claras referências a um sítio romano em Soure denominado Madanela remetem, no entanto, para um sítio homónimo, localizado não em Samuel, mas sim a um quilómetro da sede de concelho, devendo articular-se, de alguma forma, com a evolução pré-medieval e moçárabe de *Saurium* (Almeida, 1966, pp. 1-7; Barroca, 1996-1997, pp. 182-187; Alarcão, 2004, pp. 29-30). Esta Quinta da Madalena, outrora conhecido por Caramoa (Morgado, 1996, p. 22), ou ainda por Tapeio, foi em 1825 palco do achado de um conjunto monetário balizável entre Cláudio II e Teodósio, e de uma ara, interpretada localmente (Conceição, 1942, pp. 9-14) e mais tarde corrigida e republicada por Hübner, acabando depois incluída no *CIL* II (n.º 363; detalhes em Encarnação, 1975, pp. 296-297). A metátese em Madanela é insignificante em moldes etimológicos, e será portanto de reconhecer uma evolução paralela de dois sítios romanos separados por quase 10 km, com iguais resultados toponímicos.

O enquadramento imediato da *villa* de Coles de Samuel configura uma interrupção de meia-encosta, pela qual passa uma bifurcação de dois caminhos de origem consuetudinária, um em direcção à primitiva sede paroquial, e outro a Carcavelos. É do lado sul desta via, a menos de 100 m do sítio romano, que se encontram os vestígios de uma extracção de pedra, com afloramento talhado e mar-

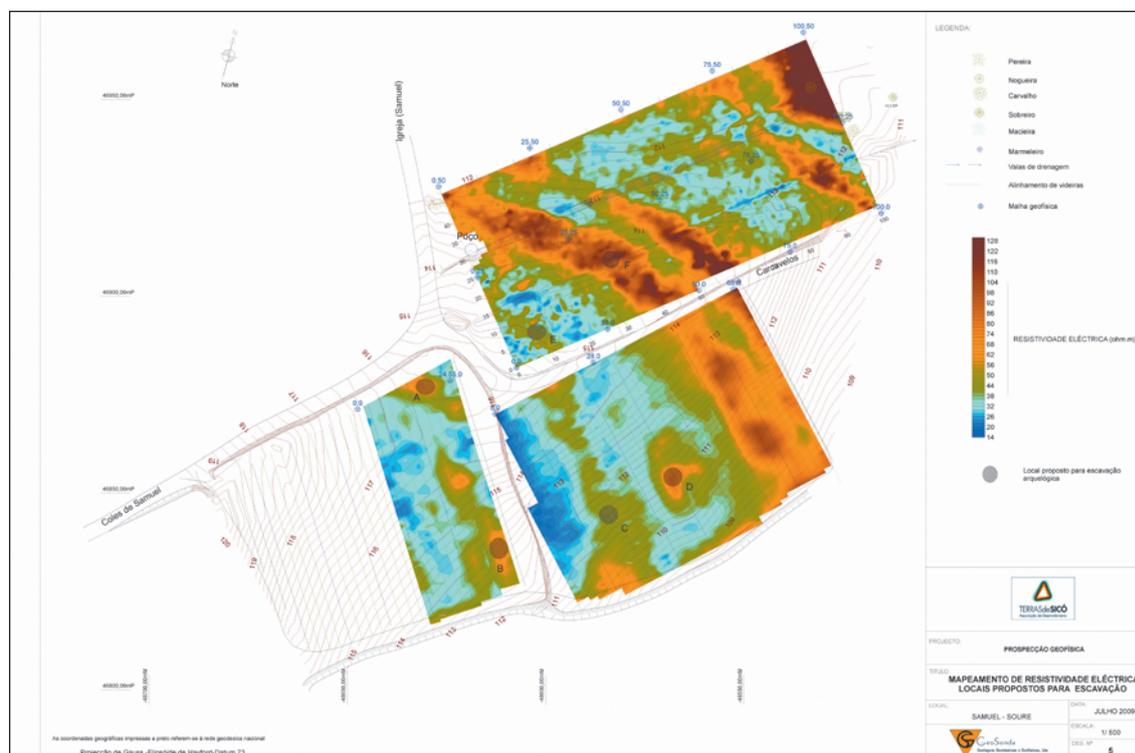


Fig. 1 Resultados de prospecção geofísica (GeoSonda).

cas de cunho, que representam uma eventual, mas em todo o caso sugestiva ligação com o núcleo romano. Na sua relação com o território, o sítio viu-se implantado numa adjacência praticamente imediata a um braço do antigo estuário do Mondego, como se observa na reconstituição hidrográfica romana (Silva, 2004), e perante os dois istmos onde se viriam a implantar as fortificações de Santa Olaia e de Montemor.

A prospecção geofísica, conduzida pelo método da resistividade eléctrica, não identificou anomalias coerentes que pudessem sugerir clara actividade antrópica. Uma causa principal para esse resultado ficou evidente durante a escavação, já que a zona com pavimento musivo foi muito afectada por trabalhos agrícolas, até à rocha-base. Apesar de no local ter havido apenas cultivo de vinha durante as últimas três gerações, foi utilizado um processo “à manta”, usual nesta zona, através do qual se escava não apenas um alinhamento, mas sim, sucessivamente, a totalidade da área. Resultou daí uma destruição quase total do mosaico e das restantes estruturas, até mesmo com o revolvimento de boa parte do próprio *rudus*. Uma das primeiras constatações, que a prospecção geofísica já tinha feito sugerir, é que a plataforma actual representa um aplainamento relativamente recente, em todo o caso posterior à primeira fase da *villa*, no sector ocidental. A topografia romana parece ter sido mais directamente condicionada pela irregularidade do subsolo do que as terras de cultivo modernas, que provocaram um nivelamento sem grandes discrepâncias altimétricas, com uma variação máxima de 3 m, numa extensão de 100. É ainda necessário distinguir a área da plataforma superior de um terreno adjacente que, a norte, começou a revelar uma divisão romana num bom estado de preservação. A história recente desta segunda parcela passa pela plantação dispersa de oliveiras, que terá provocado destruição apenas localizada, e pelo semeio de cereal, cujos impactos se registam na estratigrafia numa profundidade que não ultrapassa muito os 10 cm. Após seis semanas de escavação e de implantação de sondagens aleatórias, apenas três

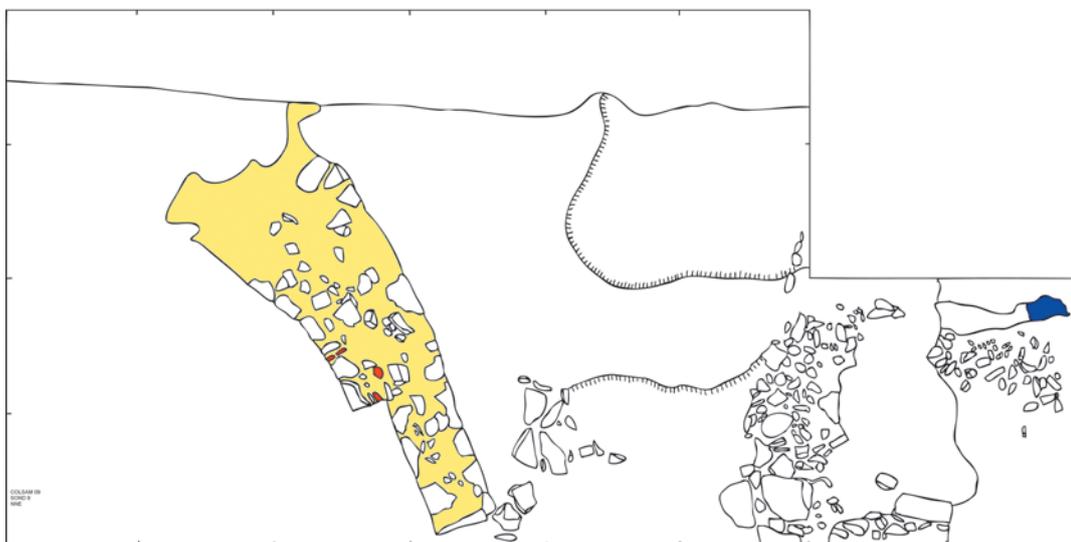


Fig. 2 Sondagem 3.

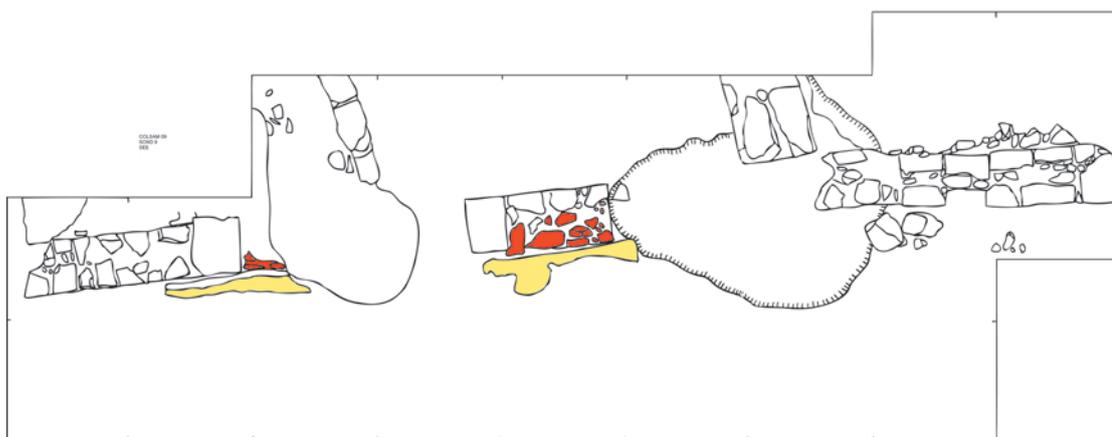


Fig. 3 Sondagem 9.

destas permitem avançar com algumas observações preliminares, cuja validade deverá ser atestada na próxima campanha. Algumas restantes sondagens, estéreis, confirmaram o limite da área romana, e noutros casos revelaram áreas de ocupação com potência estratigráfica mais coerente, níveis selados e materiais avulsos, mas sem estruturas verticais.

Nenhum dado geofísico tinha indicado anomalias significativas no local da sondagem 3, mas destacava-se uma insinuante concentração de materiais à superfície. Aquilo que de início não passava de uma irregular concentração de argamassa revelou-se afinal uma destruição muito acentuada do *rudus* de um mosaico, cuja sequência de construção, de resto, se conservou no canto sudoeste da sondagem. Em contraste, resistiu a base de um muro com curvatura, bem como o seu prolongamento em negativo. A associação da cota do mosaico com o lado externo do muro leva a crer na articulação directa de um espaço absidado a um outro, com pavimento musivo e de grandes dimensões. Por ora não se consegue provar essa adjacência, nem avançar com mais do que eventualidades para a construção (triclínio?). Uma segunda particularidade é o achado de um conjunto numismático neste espaço, que na sua origem estaria depositado numa cavidade na base externa do muro, onde se regista a sua

maior concentração, estando as restantes moedas dispersas num perímetro máximo de um metro e meio. A oeste da sondagem 3, e de alguma forma ligada a ela por uma camada apenas ligeiramente afectada, destaca-se uma abrupta transformação da topografia antiga. Estar-se-á, aliás, já perante uma área limítrofe do edifício principal, na medida em que existem enchimentos (tentativas de nivelamento?) contendo em exclusivo material associável a uma demolição, como estuque, blocos de argamassa e cerâmica de construção, enquanto por outro lado se registou um grande depósito de areia aluvionar, assente sobre uma camada com material de construção romano. O depósito encontra-se contido por um muro que se identifica no canto nordeste da sondagem. Naquela posição, a menos de três metros do arranque do espaço abobadado, torna-se aceitável que se esteja perante uma remodelação parcial, isto se a areia for interpretada numa relação com actividade construtiva. Não se vê, de resto, alternativa mais credível para a sua presença, na medida em que ela seguramente não provém do terraço da Madanela. A construção identificada na sondagem 9 corresponde à delimitação de um espaço cuja dimensão não se conhece ainda com precisão. O que se atesta é a excelente conservação de um pavimento em *opus signinum*, que não apenas ocupa a área a norte da porta, mas tem continuidade para o espaço oposto. A inteira área encontra-se coberta pelo derrube de um telhado, facto que terá contribuído para a manutenção do estado do pavimento. Um dos primeiros elementos identificados nesta sondagem consistiu no ressalto do pavimento que se prolonga pelo arranque do muro, e que cobre não só a silharia mas também uma solução construtiva que integrou *imbrices* na própria parede, criando aliás uma debilidade no local onde deveria encaixar a porta. A única hipótese razoável seria um estreitamento da entrada original, sem recurso a pedra aparelhada mas com reboco comum à restante estrutura. De resto, o muro divergente a Sul, que parece vir a obstruir a porta encontra-se inserido no opus, e faz portanto parte integrante de um mesmo período de circulação, necessariamente posterior à remodelação da própria porta.

Como suposição provisória, o contexto de achado do conjunto monetário na plataforma superior terá de ser tomado como zona residencial, por oposição ao espaço eventualmente frumentário identificado na sondagem 9. A quota topográfica bastante mais baixa, assim como a distância para com o núcleo musivo, faz descartar uma continuidade estrutural com a *pars urbana*. Tomando o conjunto da área com materiais de superfície, e por outro lado as várias sondagens estéreis em redor, a provável orientação norte-sul da *villa* terá continuidade para o sector do lado meridional do caminho para Carcavelos. Mais problemático do que o fortíssimo estado de desagregação das estruturas é a fraca potência estratigráfica, já de si muito afectada pela mencionada insistência agrícola no local. Pode considerar-se que apenas uma mínima parte reporta à deposição original. A este nível, o caso próximo do Rabaçal, no sector oposto do território de *Conimbriga*, tem vindo a lidar com obstáculos semelhantes. No entanto, as camadas preservadas apresentam uma coerência suficiente para delas retirar informação substancial. No que respeita à cerâmica, não existem desvios fundamentais quando comparada à que se identifica, para o Baixo Império, em *Conimbriga*. A produção calcítica é predominante em quase todas as formas abertas de armazenamento, mas também em pratos (n.ºs 4, 5 e 6) cuja dispersão geográfica é muito ampla, e que aliás não podem senão representar uma concordância, indirecta ou não, com as formas norte-africanas de tipo Clara D, por exemplo, ou com formas daquela *sigillata* tardia regional que foi identificada nos anos setenta para a região conimbrigense. Um fragmento desta cerâmica (Alarcão & Étienne, 1975, pl. VII, n.º 1) oferece, outrossim, uma equivalência com uma peça da Madanela. Poderia ser procurada uma lógica formal análoga na peça 2, alaranjada fina, manifesta imitação da forma Drag. 37 tardia, e que conta com vários paralelos bem publicados no volume V das *Fouilles de Conimbriga*. Ainda sobre a questão das imitações de cerâmica de importação, há uma margem comedida para lhe aproximar formas de produções comuns locais, sem que se trate propriamente de cópias

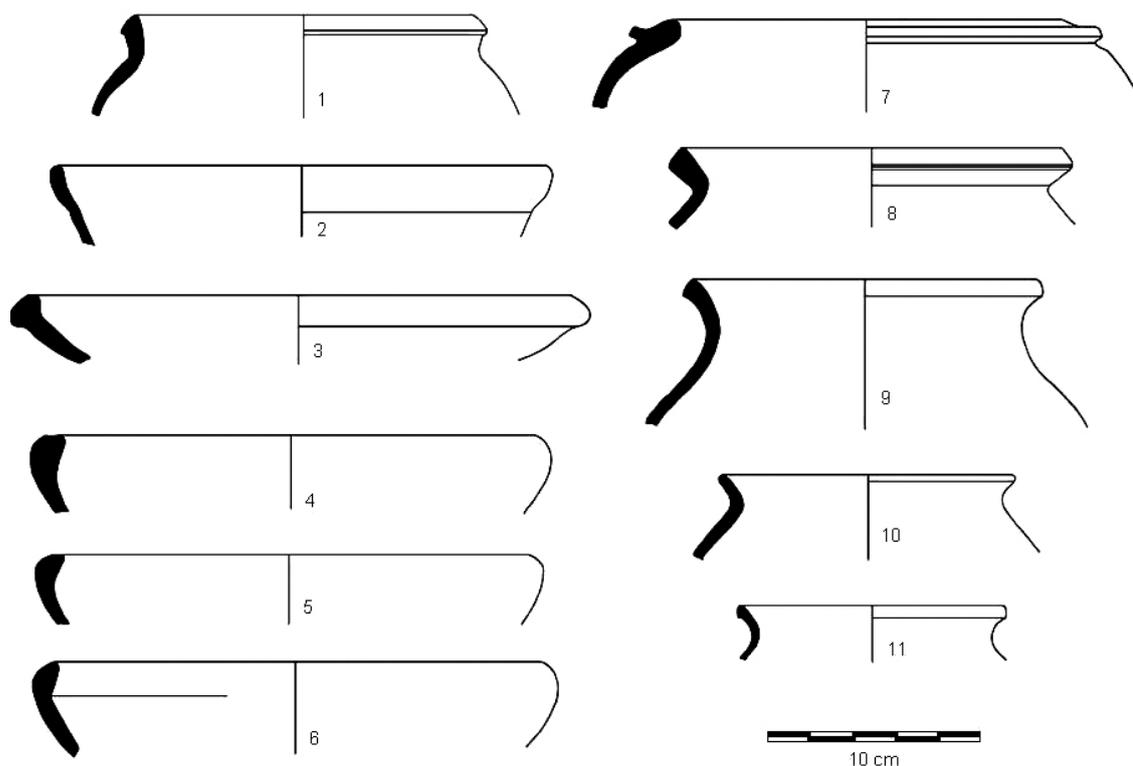


Fig. 4 Sondagem 3.

ou de tentativas conscientes nesse sentido. Outra forma recorrente em cerâmica calcítica é o pote com lábio em rim, que conta com uma expressão muito ampla também em *Conimbriga*, no Rabaçal e em Santiago da Guarda, isto é, em todos os contextos baixo-imperiais do território. A única unidade identificada com presença de grés consiste no enchimento de uma estrutura negativa na sondagem 9. Na região em causa, este material já não pode ser considerado de produção imperial, facto corroborado por escavações recentes (Ruivo 2006, p. 285; De Man 2004, pp. 459–471). Esta depressão representa, de resto, o melhor indicador de presença pós-romana na Madanela, muito embora se trate de um caso de espoliação e não propriamente de ocupação doméstica. O que justifica a existência da estrutura em si é a intersecção de dois muros naquele ponto, e em particular a extracção de blocos de pedra de maiores dimensões, que se conservam nas restantes extremidades. Sobre esta ocupação de presumível cronologia sueva ou visigótica haverá pouco mais a referir, na medida em que por enquanto não se manifesta nas restantes sondagens. O fim das *villae* na área de Sicó foi um processo muito desigual, com diferentes dinâmicas internas (De Man, 2009, no prelo) e territoriais (De Man, 2009, pp. 199–208). Especificamente em Samuel, é necessário mencionar Belide, um dos lugares mais pequenos da freguesia, que já foi posto em relação com o antropónimo *Belliti*, genitivo de uma matriz tida como suévica por Fernandes (1997, p. 164). Não se tratando da Madanela, é certo, destaca-se aqui uma hipótese a explorar com cautela, muito embora não se conheça por enquanto qualquer indício de outra *villa* em Belide.

É perceptível que, apesar da presença de alguns elementos avulsos mais antigos, como é o caso de um fragmento de vidro e de duas ou três formas cerâmicas, o conjunto das unidades escavadas reporta ao Baixo Império. A surpreendente carência de *terra sigillata* nestes estratos, que se resume a dois fragmentos hispânicos sem orientabilidade, é contrastada por uma presença mas-

siva de metais, tratando-se quase em exclusivo de escória de ferro. Destaca-se também um conjunto de pregos, um aplique em bronze, uma fíbula e, em particular, o já mencionado conjunto monetário. De facto, as sondagens realizadas nesta primeira campanha de escavação forneceram 25 numismas praticamente todos batidos por volta de meados do século IV, à excepção das moedas n.ºs 3 e 25 (Quadro 1).

Quadro 1									
	Mérida	Lyon	Arles	Trier	Roma	Aquileia	Cízico	C. m. ind.	Total
Tibério	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Constantino I	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Constâncio II	-	-	3	-	2	-	1	3	9
Constante/Const. II	-	-	-	1	-	-	-	1	2
Magnêncio	-	3	2	1	1	-	-	2	9
Imp. indeterminado	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Total	1	3	5	2	3	1	1	8	24

O exemplar mais antigo é um asse batido em *Augusta Emerita* sob Tibério (14–37 d.C.), ainda que em honra do *Divus Augustus*. Para já, e na ausência de contextos estratigráficos seguros e de outro material arqueológico que remeta a ocupação da *villa* para épocas tão remotas, estamos em crer que a sua perda na Madanela deverá ser bastante posterior à época da cunhagem. De resto, o desgaste exibido pela peça parece vir ao encontro desta suposição. Sinais de desgaste apreciável exhibe também o exemplar n.º 25, uma moeda de V Réis de D. João V, cuja perda não deverá ser anterior à segunda metade do século XVIII.

Como foi referido anteriormente, os restantes 22 exemplares recuperados nas sondagens foram emitidos por meados do século IV: exceptuando um raro *Gloria Exercitus* de Aquileia, dos anos 330–335, e dois exemplares do tipo *Victoriae dd auggq nm*, datados por Kent dos anos 347–348, os restantes numismas datam de entre 350 e, no máximo, 361. Não deixamos, para já, de notar a ausência de numerário da época valentianiana e teodosiana, frequente em praticamente todos os sítios com ocupação tardia, e atestado na capital da *civitas* ou na vizinha *villa* do Rabaçal. Todavia, esta observação não é muito relevante, considerando a reduzida área escavada. Parte significativa do material exumado é composta por maiorinas de Constâncio II (4 unidades) e do usurpador Magnêncio (8 unidades).

A relativa abundância destes exemplares, de módulo e peso relativamente elevados, nas Sondagens 3 e 3D, assim como o facto de três das moedas terem sido recolhidas juntas, contra o referido muro em ábside, leva a suspeitar da possibilidade de originariamente parte destas moedas terem pertencido a um pequeno depósito monetário, possivelmente desfeito durante os trabalhos de plantio de vinha efectuados no local na primeira metade do século XX. Trata-se, todavia, de uma mera suposição, uma vez que a abundância de numerário de Magnêncio e do seu co-regente Decêncio — já antes detectada em Conimbriga (Pereira & *alii*, 1974, pp. 269–271) — poderia também reflectir a rejeição da moeda com a efigie do usurpador após a sua queda, no Verão de 353. Sabemos que a sua desmonetização foi ordenada em 354 por Constâncio II (*Codex Theodosianus*, IX, 23.1), mas será caso para nos interrogarmos sobre a efectividade de um decreto imperial numa *villa* situada nos confins da longínqua província da Lusitânia. Trata-se, em regra, de exemplares de cunhagem cuidada, com

pesos e módulos elevados, o que justificaria, por si só, o não acatamento da ordem imperial e, mais ainda, o seu entesouramento, uma vez que o seu valor intrínseco parece superior ao das moedas suas contemporâneas batidas sob a autoridade do imperador legítimo. Quase metade das moedas do Tesouro E de Conimbriga, ocultado por volta de 465–468, são AE2 emitidos em nome de Magnêncio e do irmão, atestando a reintrodução tardia deste numerário nos circuitos monetários, a fim de circular a par dos AE2 teodosianos (Pereira & *alii*, 1974, pp. 327–328).

Um dos exemplares mais interessantes é o AE1 de Magnêncio com reverso SALVS DD NN AVG ET CAES (cristograma) emitido em *Lugdunum* nos inícios de 253. Na sequência de uma intervenção efectuada no sistema monetário o usurpador pretendeu criar uma moeda de bronze pesada, com um peso-médio a rondar os 8 g (1/38 a libra). A sua duração foi, contudo, efémera. Pressionado pela falta de liquidez da tesouraria, Magnêncio viu-se obrigado a proceder a sucessivas reduções ponderais, até chegar a um padrão de 1/72 a libra<sup>2</sup>.

Um rápido levantamento das casas da moeda responsáveis pela cunhagem dos exemplares dos lavrados entre a usurpação de Magnêncio e o final do governo de Constâncio II recolhidos na Campanha de 2009 mostra um claro predomínio das emissões ocidentais (Lyon, Arles, Trier e Roma), fenómeno já constatado em *Conimbriga* para o período correspondente (Pereira & *alii*, 1974, pp. 270–282).

### Catálogo<sup>3</sup>

N.º	Busto	Reverso	Marca	ø	Peso	Cronol.	Bibl.
-----	-------	---------	-------	---	------	---------	-------

#### Sondagem 3

##### U.E. 1

[DN] DECEN[TI-VS FORT CAES], A atrás do busto

1.	D1	VICTORIAE DD NN AVG ET CAES, VOT/V/MVLT/X	--//TRS	22	5,23	352	RIC 313
----	----	--	---------	----	------	-----	---------

[DN] DECENTIVS CA[ESAR], A atrás do busto

2.	C1	[VICTORIAE D]D NN AVG ET CAES, VOT/V/MVL/X	F//[PAR]	20–21	4,18	351–353	RIC 174
----	----	---	----------	-------	------	---------	---------

##### U.E. 2

[DIVVS AV]GVST[VS PATER]

3.	-	[AETERNITATI AVG]VSTAE C.A.[E]		29	11,70	14–37	RPC 29
----	---	--------------------------------	--	----	-------	-------	--------

CONSTAN[...] (Constâncio II/Constante)

4.	D4	[VI]CTORIAE DD [AVGG Q NN]	?	15	1,30	347–348	-
----	----	----------------------------	---	----	------	---------	---

DN MAGNEN-TIVS P F AVG, A atrás do busto							
5.	D1	VICTORIAE DD NN AVG ET CAE, VOT/V/MVLT/X	SV//RPLG	22-24	4,65	351-353	RIC 123
DN DECENTIVS NOB CAES							
6.	C1	VICTORIAE DD NN AV[G ET CAE], VOT/V/MVLT/X	SP//RSLG	21-22	3,61	351-353	RIC 137
DN MAGNEN-TIVS PF AVG							
7.	D1	SALVS DD NN AVG ET CAES	--//LPLG	27-29	7,88	353	RIC 154
[DN FL CL] CONSTAN[TIVS NOB CAES], B atrás do busto							
8.	D1	FEL TEMP RE-PARATIO	/T//RQ[...]	19-22	3,61	352-354	RIC 258
[DN FL CL CONS]TANTIVS NOB CAES							
9.	D1	[FEL T]EMP RE-[PARATIO]	S-//[...]	21	3,37	352-354	RIC 268/270
DN CONSTAN-TIVS P F AVG							
10.	D3	FEL TEMP - REPARATIO	D-//PCON	18-19,5	1,88	353-355	RIC 215
Anv.: Ilegível							
11.	-	Fruste	-	14,5	0,99	-	-
<b>Sondagem 3D</b>							
<b>U.E. 2</b>							
CONSTANTI-[NVS MAX AVG]							
12.	E8	Ilegível; tipo <i>Gloria Exercitus</i> (2 estd.)	+//AQP	15-16	1,48	334-335	RIC 124
[CONS]TAN[...P]F AV[G] (Constância II/Constante)							
13.	D4	VICTORIAE [DD AVGG Q NN]	hera/TR[...]	15	0,91	347-348	RIC 183-186
[CONSTAN-TI]VS P F AVG							
14.	D5	[VICTORIAE D]D AVGG Q NN	MA//[?ARL]	13	1,49	347-348	RIC 78
[M]AG DECENTI-[VS N]OB CAES							
15.	C1	VICT DD NN AVG ET CAES, VOT/V/MVLT/X	*//R[...]	20-21	3,70	350-351	RIC 219

Anv.: Ilegível (Magnêncio/Decêncio)							
16.	?	[...] VOT/V/MVLT/X	?//[...]	20	4,26	351-353	-
[...]ENTI-[...] (Magnêncio/Decêncio)							
17.	D1	[SALVS D D NN] AVG ET [CAES]	?	23-25	5,41F	353	-
Anv.: Ilegível (Constâncio Galo)							
18.	D1	Ilegível; tipo indeterminado	?	19-21	4,31	352-354	-
DN CONSTAN-[TIVS P F] AVG							
19.	D3	FEL [TEMP REPARA]TIO	--//[...]CON	19-21	1,76	355-361	RIC 266
DN CONSTAN[-TIVS] P F AVG, ε atrás do busto							
20.	D3	Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio</i>	--//[SMK?]	18-21	3,49	351-354	RIC 100
[DN] CO]NSTAN[-TIVS PF AVG]							
21.	D3	[F]EL TE[MP REPARATIO]	?	18	1,13F	355-361	-
Anv.: Fruste							
22.	Z	Fruste (fragmento)	?	21	1,09F	-	-
<b>Sondagem 9B</b>							
<i>U.E. 1</i>							
DN MAGNEN-TIVS PF AVG, A atrás do busto							
23.	D1	VICT DD NN AVG ET CAES, VOT/V/MVL/X	F//PAR	21-23	5,17	351-353	RIC 173
DN CONSTAN-TIVS PF AVG							
24.	D3	[SPES REI]-PVBLICE	?	-/14-15	-	358-361	-
[IOAN]NES V [DEI GRATIA]							
25.	-	[POR]TVGAL[IÆ ET ALGARBIORVM REX]; no campo V	-	30	4,44	1723-1750	-

## NOTAS

- \* Universidade de Lisboa.
- \*\* Museu Monográfico de Conimbriga e CECH/FLUC.
- <sup>1</sup> Agradecemos o apoio de Horácia e Teresa Pedrosa (Associação Cultural, Recreativa e Social de Samuel), Mário Jorge Nunes (Câmara Municipal de Soure) e David Leandro Cruz (Terras de Sicó).
- <sup>2</sup> Agradecemos ao Doutor Jean-Pierre Bost os preciosos esclarecimentos relativos à amoedação de Magnêncio.
- <sup>3</sup> As descrições dos bustos fazem-se segundo RIC VII e VIII.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert, eds. (1975) - À propos des céramiques de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 14.
- ALARCÃO, Jorge de (1988) - *Roman Portugal, volume II (gazetteer)*, Coimbra, Lisboa. Warminster: Aris & Philips.
- ALARCÃO, Jorge de (2004) - *In territorio Colimbrie: lugares velhos (alguns deles, deslembados) do Mondego*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ALMEIDA, Fernando de (1966) - Pedras visigóticas em Soure. *Ethnos*. Lisboa. 5, pp. 413-419.
- BARROCA, Mário Jorge (1996-1997) - A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 17-18, pp. 171-209.
- PEREIRA, Isabel; BOST, Jean-Pierre; HIERNARD, Jean (1974) - *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*. Paris: De Boccard.
- CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos (1942) - *Soure, a terra abençoada da Pátria*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- DE MAN, Adriaan (2004) - Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 459-471.
- DE MAN, Adriaan (2009) - Funções estruturantes de algumas *villae* pós-romanas. *Cadmo*. Lisboa. 19, pp. 199-208.
- DE MAN, Adriaan (no prelo) - Conimbriga, the surrounding territory, and further remarks on Lusitanian Late Antiquity. In IZQUIERDO, Ricardo, ed. - *Espacios urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*. Toledo: Universidad de Castilla-La Mancha.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1975) - *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa: INCM.
- MORGADO, Isabel (1996) - *Soure, uma mui antiga terra de Estremadura. Catálogo da Exposição D. Manuel I, a Ordem de Cristo e a Comenda de Soure*. Soure: Câmara Municipal.
- PINTO, António José Nunes (2002) - *Bronzes figurativos romanos de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RUIVO, José (2006) - Conjunto monetário tardo-romano da casa do mediano absidado (Conimbriga). *Conimbriga*. Coimbra. 45, pp. 301-309.
- SILVA, António José Marques da (2004) - O estuário do Mondego na Antiguidade e na Alta Idade Média: nota explicativa do modelo hidrológico proposto. In ALARCÃO, Jorge de - *In territorio Colimbrie: lugares velhos (alguns deles, deslembados) do Mondego*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 133-135.